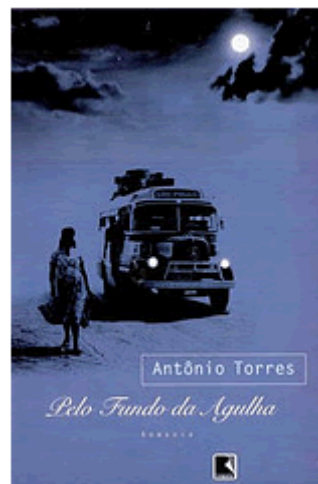


Pelo fundo da agulha, de Antonio Torres

por Adriana Araújo

Último livro da trilogia do migrante iniciada em 1976, *Pelo fundo da agulha* traz para dentro do si mesmo, na imobilidade do personagem deitado na cama num estágio de consciência fronteiro entre a vigília e o sono, o balanço da trajetória de Totonhim desde sua saída do Junco, interior da Bahia, aos vinte anos de idade, até a construção de sua vida em São Paulo – o ingresso no Banco do Brasil, o casamento com a filha do general, sua vida de casado, de separado e, finalmente, de aposentado. A associação livre da memória une elementos irremediavelmente separados pela vida.



A imagem de sua mãe passando uma linha pelo fundo da agulha define a narrativa que é tecida com fio que vem desde a estréia de Torres com o primeiro livro da trilogia, *Essa Terra* (1976). Esse livro bombástico esgotou edições e nele conhecemos o ponto de vista da gente pobre que vem e vai entre o interior do nordeste e São Paulo. O tema já era clássico na nossa literatura, mas o migrante na primeira pessoa não.

Empobrecida pela perda de sua propriedade para o banco e dividida pela diferença de visão de mundo do pai – quer permanecer na roça – e da mãe – quer ir para Feira de Santana onde há chance de progressão escolar para os filhos – a família busca na volta de Nelo sua última esperança. Nelo havia ido para São Paulo há vinte anos e não consegue suportar o peso das cobranças, especialmente das expectativas de sua mãe. Doente e fracassado, põe fim em sua vida. Entretanto, o suicídio de Nelo não mata o sonho da cidade de tentar a vida no “sul maravilha” e, no final, Totonhim entra no ônibus, mesmo contra a vontade do pai.

Com destino muito diferente do irmão, Totonhim prospera e se fixa em São Paulo. Volta para Junco apenas uma vez para uma rápida visita por ocasião dos oitenta anos de seu pai, motivo do segundo romance da trilogia, *O cachorro e o lobo* (1997). Nele acontece o confortante reencontro de Totonhim com sua terra, os sons, os sabores e as pessoas da sua infância e adolescência. Mas a realidade de sua vida é bem outra, e quando o pai pede para que ele fique ali, a impossibilidade de conciliação entre as duas vidas rompe e Junco fica para sempre nos parêntesis de um fim-de-semana.

Romances belos e sensíveis percorrem os dramas vividos na migração puxando fios que vêm desde *Vidas secas* (1938) e que passam por *Morte e vida severina* (1956) entretecendo uma outra trama: o personagem integrado. O jovem promissor que cumpre e ultrapassa todas as expectativas. Um menino especial que na infância já era conhecido pelo gosto da escrita e que desenvolve o gosto pela literatura. Assim é que não intriga o leitor o vasto saber literário do funcionário. Homem marcado por metáforas e lembranças.

No entanto, é de limites que trata o romance. A identidade esgarçada até o difícil reconhecimento no intervalo entre ser nordestino, sem mais sê-lo, e paulista que é sem ser. Pelo fundo da agulha revela Totonhim pelejando com suas memórias, lembrando as pessoas, os motivos, e os acontecimentos de sua vida para vislumbrar um sentido e um motivo para se levantar no dia seguinte.

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Encontro da sexta-feira
16.03.2007